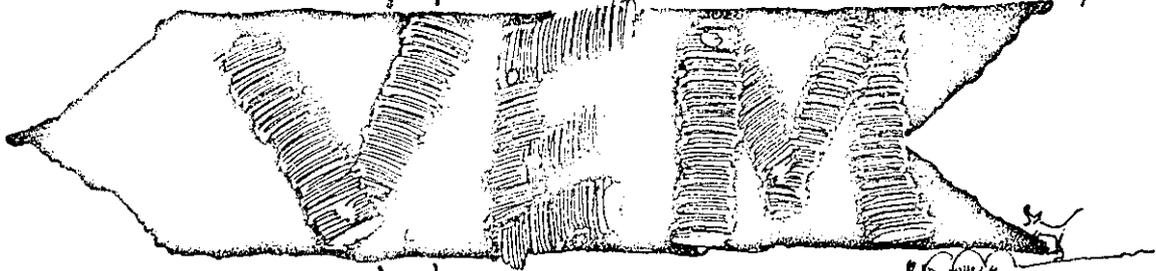


BOLETIM DAS MIGRAÇÕES



ano 1 - nº 1
junho 1981

Índios: a luta pela reconquista da terra (pág. 4).

Trabalhadores rurais inauguram sindicato em Dobrada-SP (pág. 7).

Dia do Migrante (pág. 9).

Quem lucra com Itaipu? (pág. 11).

Migrantes conquistam terreno da Prefeitura (pág. 15).





EXPULSOS DA TERRA

Se nos primórdios da História do Brasil os povos indígenas se locomoviam de uma região para outra, por ser próprio de sua cultura tal procedimento, hoje essa migração é imposta por uma situação injusta e desumana, provocada pela ineficiência da Funai.

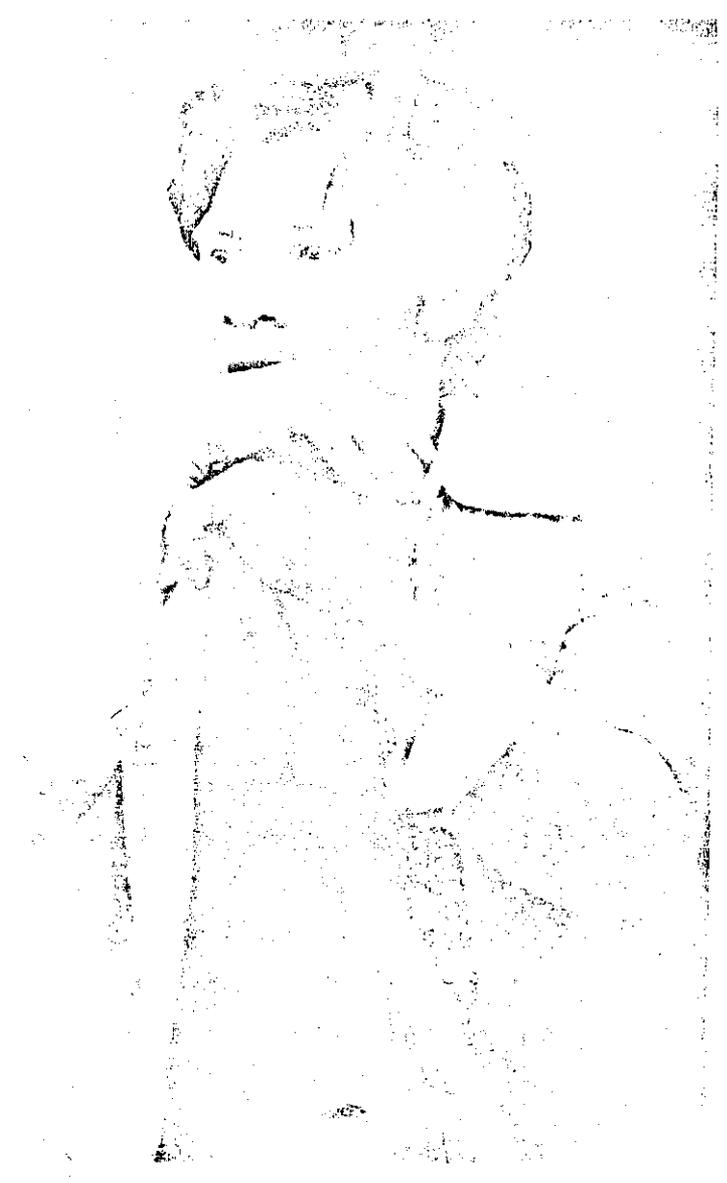
Por outro lado, a procura de um novo lugar para se fixar, muitas vezes é consequência da opressão exercida por este órgão, de "proteção" ao índio, que o trata como criança, além de não lhe dar a assistência adequada e o que lhe é essencial, a liberdade de viver.

No encontro das lideranças indígenas, realizado em São Paulo em abril passado, o chefe indígena Mário Juruna denunciou a atuação da Funai, que tira os índios dos lugares onde a terra é mais rica e cria problemas diante de qualquer iniciativa de organização entre eles, porque "Funai tem grande medo do que o índio pode promover".

Segundo o cacique Aniceto dos Xavantes, o civilizado deve respeitar a autoridade indígena, "não deve zombar, brincar com índios, porque suas terras estão cada vez mais apertadas. Os índios estão sendo mortos e estão se acabando por falta de respeito dos fazendeiros, dos políticos e do governo".

"Onde vamos aumentar nossa Nação, onde vamos dar a vida aos nossos filhos e netos?" - perguntou o cacique Cipriano. "Agora não tem mais vaga, a vida dos índios está apertando até esmagar, onde vamos viver daqui dez anos?"

A execução dos projetos governamentais, como tudo indica, não tem em vista o bem social; ao contrário, atende a interesses puramente políticos e econômicos, em detrimento da população e, é óbvio, a mais oprimida. É o caso da usina hidroelétrica de Itaipu, tida como "exemplo significativo de cooperação internacional" entre Brasil e Paraguai, que inundará cerca de



100 mil hectares de terras das matas férteis. Diante desta obra faraônica, vestígios do governo Médici, 8 mil famílias de pequenos agricultores terão suas terras inundadas, sendo que o drama atingirá também 19 famílias do grupo Guarani, Nhandeva do lado brasileiro, além das que habitam o lado do Paraguai. A transferência dos índios guaranis de terras indígenas, que vem sendo promovida pela Funai, contraria o Estatuto do Índio (que no caso, visa a indenização destas terras por outras áreas), que, como tudo indica, é lei só para inglês ver.

Se por outro lado, os índios se recusam a submeter-se à Funai e buscam seus próprios meios de vida, a situação miserável não difere em nada da enfrentada nas reservas, parques ou postos. Vindos de Mangueirinha, Paranã, de um posto da Funai, grupos de índios guaranis fixaram-se em oito aldeias no litoral paulista e na Grande São Paulo. Em todas as aldeias as condições são as mesmas: miséria, fome, doença, degradação cultural pela influência do branco, prostituição, vícios. Tu-



do isso foi o que sobou para o índio brasileiro, não importa onde esteja fixado, com ou sem a pouca assistência da Funai.

Enquanto isso, o governo tenta dar o tiro de misericórdia: a emancipação do índio (ou seria das terras dos índios?) exatamente no momento em que o índio começa a se organizar, a discutir e a buscar soluções para seus problemas, criando inclusive uma União das Nações Indígenas. E como afirma o presidente da UNI, Marcos Terena, a entidade, essencialmente formada por índios, buscará acima de tudo tratar de problemas que vêm enfrentado, com bases nas leis existentes e cobrando seus direitos.



KANPUS